



## **A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA E O NASCIMENTO DE CEILÂNDIA: PANORAMA DA RELAÇÃO ENTRE AS REGIÕES NO PERÍODO DE 2000 A 2020**

Ingrid Maria Lacerda Bacelar<sup>1</sup>

Pedro Lucas Marsal Nogueira<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho analisa a relação entre Brasília e Ceilândia, destacando o processo de migração que permitiu a construção de Brasília e consequentemente o nascimento de Ceilândia. Criada no contexto de periferização planejada para reassentar populações removidas de ocupações irregulares, Ceilândia se tornou a região administrativa mais populosa do Distrito Federal, enquanto Brasília permaneceu como o núcleo político e econômico. O estudo evidencia como a migração, especialmente de populações nordestinas, foi determinante para o crescimento de Ceilândia, com 48,33% de sua população composta por migrantes em 2015, segundo a PDAD. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, a pesquisa demonstra como a segregação socioespacial e a fragmentação urbana de Brasília impactaram a dinâmica de entre as RA's. A concentração de empregos e serviços no Plano Piloto resultou em intensos movimentos pendulares, reforçando a dependência funcional entre as regiões e evidenciando as desigualdades no acesso à infraestrutura e qualidade de vida. As análises basearam-se em dados do IBGE, CODEPLAN e literatura acadêmica, incorporando contribuições teóricas de Milton Santos e David Harvey sobre urbanização e produção do espaço.

**Palavras-chave:** Migração; Brasília; Ceilândia; Periferização; Geografia.

### **INTRODUÇÃO**

Mudanças expressivas vêm ocorrendo nas últimas décadas no que tange a distribuição da população, sobretudo da população de grandes centros urbanos.

De acordo com Harvey (2005), as mudanças na espacialização da população decorrem do caráter contraditório da produção capitalista do espaço, que reorganiza os territórios para atender às demandas do capital, intensificando a desigualdade entre regiões centrais e periféricas. No contexto dos grandes centros, a urbanização não é apenas um fenômeno de expansão, mas também um processo de hierarquização do espaço urbano, onde áreas periféricas são relegadas a funções subalternas dentro de um sistema territorial integrado.

---

<sup>1</sup> Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas – IG/Unicamp. E-mail: ingrid.bacelar2015@gmail.com ORCID: 0009-0008-4398-2426.

<sup>2</sup> Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas – IG/Unicamp. E-mail: pmarsal.nogueira@gmail.com ORCID: 0009-0007-8509-7989.



### III Semana da Demografia

*Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais*

*UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025*

Assim, a reorganização socioespacial não somente redistribui a população, mas também reflete a consolidação de um sistema econômico que privilegia certos territórios enquanto marginaliza outros.

Dessa forma, a construção de Brasília e o nascimento de Ceilândia expõem as alterações na espacialização da população ao decorrer do tempo, analisadas no presente texto entre os anos 2000 e 2020.

No que tange à organização espacial sob o enfoque do planejamento, Monteiro (2007, p. 3-4) argumenta que “planejar é racionalizar, ou seja, é pensar sobre uma realidade no sentido de compreendê-la [...] o planejamento é encarado como um processo, desenvolvido em várias fases, que visa o conhecimento da realidade, objetivando a solução dos problemas existentes através de orientações gerais e ações de intervenção, materializadas em um plano ou projeto”. É sob esse contexto que Brasília emerge como a primeira cidade planejada do Brasil, construída com o objetivo de criar uma nova realidade nacional, extrapolando o conceito tradicional de cidade e refletindo um projeto de reorganização do espaço.

A gênese de Brasília se dá a partir da materialização da busca por uma nova configuração territorial, pautada na procura por uma modernização, debruçada sob o nascimento de um Estado Republicano. Ou seja, Brasília era uma idealização, um futuro ideal que viera a se tornar presente (Mello, 2009).

A escolha do Planalto Central para sediar a nova capital inseriu-se no contexto de desenvolvimento nacional, pautado na exploração de áreas menos povoadas e no aproveitamento estratégico do território brasileiro. A materialização de Brasília, portanto, não se limitou ao aspecto físico e arquitetônico; ela representou um projeto de identidade nacional, alinhado ao ideário republicano de um país moderno, desenvolvido e integrado (Mello, 2009).

De acordo com Oliveira (2008), o plano piloto de Brasília foi concebido com base nos princípios do movimento modernista, refletindo a crença em uma cidade planejada, livre de desigualdades e projetada para responder às necessidades da sociedade contemporânea. Porém, durante a sua construção, deu-se o início de um processo de migração, em grande parte, de nordestinos – os chamados “Candangos” – que chegam ao Distrito Federal em busca de melhores condições de vida e ofertas de emprego que surgiam no setor de construção civil.



# III Semana da Demografia

*Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais*

*UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025*

Os migrantes passam a encontrar dificuldades para se estabelecerem na nova capital, uma vez que eles não conseguiam adquirir as propriedades construídas por eles mesmos e não havia nenhum incentivo que promovesse a habitação dos mesmos por parte do governo. A solução encontrada foi ocupar o DF a partir da formação de acampamentos ao redor das construções e o início do processo de favelização (Araújo; Tabarin, 2018).

Em resposta a essas ocupações, o Governo do DF passa a removê-los das ocupações. O principal episódio que elucida a remoção é o do afogamento da Vila Amaury, que até então abrigava os operários da construção da nova capital e era a única ocupação que contava com habitações autoconstruídas pelas famílias que migraram juntas para construir a capital (Jacques; Almeida Jr., 2017, p. 490), sem a formação de acampamentos. O represamento planejado do Rio Paranoá, para a formação do atual Lago Paranoá, custou o abrigo de centenas de núcleos familiares que foram removidos forçadamente para as cidades satélites: Taguatinga, Sobradinho e Gama (Jacques; Almeida Jr., 2017, p. 490). Têm-se então o início do processo de periferização planejada, criando cidades satélites para abrigá-los. Assim surge Ceilândia, em meio às demandas criadas por Brasília (Trevisan; Amizo; Lemos, 2021).

## MÉTODOS

Esta pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar para investigar o impacto da construção de Brasília no surgimento e desenvolvimento de Ceilândia, com foco nas transformações socioespaciais ocorridas entre os anos 2000 e 2020. O estudo é centrado na relação entre Brasília e Ceilândia, destacando os fluxos migratórios, as dinâmicas de ocupação urbana e as políticas públicas que influenciaram a consolidação dessa região administrativa no Distrito Federal. A delimitação temporal tem como objetivo capturar as mudanças mais recentes e possibilitar uma análise comparativa com períodos anteriores.

A coleta de dados baseia-se em fontes como os Censos Demográficos do IBGE de 2000, 2010 e 2020, que fornecem informações sobre densidade populacional, características socioeconômicas e padrões de ocupação. Além disso, documentos oficiais do Governo do Distrito Federal e da CODEPLAN (Companhia de Planejamento do Distrito Federal) foram utilizados para mapear ações governamentais e estratégias de desenvolvimento urbano. A pesquisa também incorpora estudos acadêmicos publicados em revistas científicas, em busca de uma fundamentação teórica para as análises.



# III Semana da Demografia

*Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais*

*UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025*

## RESULTADO E DISCUSSÃO

Ceilândia surge em função de Brasília, a partir da tentativa de separar os migrantes que construíram a nova capital do país.

É na década de 70 que surge a Campanha de Erradicação das Invasões (CEI), que dá origem à Ceilândia. Com distância de cerca de 30km de Brasília, o plano urbanístico de Ceilândia é assinado por Ney Gabriel, um dos arquitetos que compôs a Novacap, o que expressa o caráter mesmo que mínimo do planejamento da Região Administrativa (Peixoto; Waldvogel; Oliveira, 2021).

Mesmo com o planejamento por trás da criação das cidades-satélites<sup>3</sup> uma série de problemáticas surgiu já que:

A antecipação da implantação das cidades-satélites em áreas distantes do núcleo principal gerou grandes vazios urbanos e deu início ao processo de ocupação gerenciado pela atuação estatal, com clara divisão social do espaço urbano, que permeou o processo de estruturação urbana no DF e entorno (Caiado, 2005, p. 61). Juntamente com a divisão social do espaço urbano, havia a contraposição da alta qualidade de vida dos funcionários públicos, políticos etc do Plano Piloto com a baixa qualidade urbana destinada às cidades-satélites (Rosa, 2014, p. 52).

Dessa forma, fica claro que a segregação espacial permeia a complexa relação entre as RA's e Brasília, relação essa que será explorada durante o texto.

## Ceilândia e Brasília nos anos 2000

A partir dos anos 2000, o crescimento urbano de Ceilândia e Brasília se consolidou como resultado de dinâmicas complexas, que refletem tanto as contradições do planejamento inicial quanto os desafios contemporâneos da urbanização.

A RA IX contava com cerca de 16,77% da população do DF, a maior porcentagem entre as regiões administrativas e Brasília, contendo uma população absoluta de 344.039 habitantes, que totalizou 363.046 habitantes no ano de 2010, de acordo com dados do IBGE, o que revela o grande contingente de pessoas abrigadas em Ceilândia. Ao todo, a população do DF contava com 2.051.146 habitantes.

Ceilândia, criada para organizar o crescimento populacional e reassentar famílias deslocadas de ocupações irregulares, transformou-se na região administrativa mais populosa

---

<sup>3</sup> Outras cidades satélites surgem durante a mesma época de criação de Ceilândia, como Taguatinga, Sobradinho e Gama.



### III Semana da Demografia

*Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais*

*UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025*

do Distrito Federal, marcada por sua diversidade cultural e forte identidade local (Rosa, 2014).

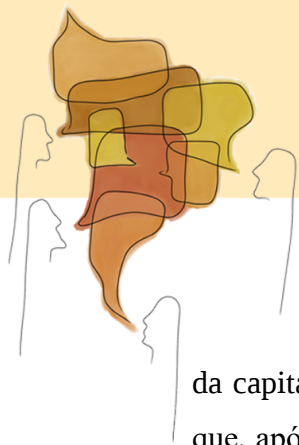
Entretanto, a expansão urbana do Distrito Federal, sobretudo de Ceilândia, trouxe consigo uma série de questões, como a ampliação dos vazios urbanos, o que não era previsto pelo planejamento de Lúcio Costa, além da segregação social espacial e a infraestrutura insuficiente, que constatou as limitações do planejamento estatal.

Conforme analisado por Melo e Steinke (2013) Ceilândia integrou um eixo estratégico de urbanização no Distrito Federal, consolidado a partir das diretrizes dos Planos Diretores de Ordenamento Territorial (PDOT) de 1992 e 1997. Esses planos incentivaram o crescimento urbano no eixo sudoeste-nordeste, conectando Brasília a regiões como Taguatinga, Samambaia e Ceilândia. Essa região administrativa, destacada por sua densidade populacional e dinamismo econômico, desempenhou um papel fundamental na conurbação urbana ao longo da linha do metrô, que estruturou o desenvolvimento territorial. No entanto, a expansão de Ceilândia também revelou desafios críticos, como a insuficiência de infraestrutura e a persistente desigualdade no acesso a serviços básicos. A urbanização acelerada entre 2005 e 2009 intensificou essas contradições, evidenciando o caráter periférico da região, tanto do ponto de vista socioeconômico quanto espacial. Apesar disso, Ceilândia consolidou-se como um núcleo importante dentro da dinâmica urbana do Distrito Federal, refletindo as tensões e potencialidades do modelo de crescimento adotado na capital.

Essas desigualdades, também observadas no contexto da qualidade de vida urbana, refletem a relação entre a ocupação do território e a ausência de políticas públicas eficazes. Segundo Rosa (2014), o processo de urbanização de Brasília tem sido acompanhado por desafios estruturais, como a fragmentação socioespacial e a concentração de renda no Plano Piloto, em contraste com as condições precárias das regiões periféricas, incluindo Ceilândia.

Assim, os anos 2000 representam um período de expansão urbana que, apesar de suas contradições, fortaleceu a importância de Ceilândia como parte essencial da dinâmica socioeconômica do Distrito Federal. A análise desses processos permite compreender melhor a evolução da segregação espacial e as possibilidades de integração e desenvolvimento no contexto metropolitano.

Segundo dados da CODEPLAN, a expansão urbana dos anos 2000 se deu como consequência dos fluxos migratórios intensos iniciados ainda nos anos 1950 com a construção



### III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

da capital. A população nordestina se faz maioria na composição de migrantes no DF, visto que, após o estabelecimento dos mesmos nas RA's ao redor de Brasília, se tornou possível a construção de núcleos familiares além de outro operários que tinham família em sua região de origem e puderam trazê-los para morar em um novo local, em busca de novas oportunidades de emprego e moradia. Escancarando o fenômeno da desigualdade regional no território brasileiro.

**FIGURA 1 – Tabela do Saldo Migratório**

| Tabela 44 - Imigrantes residentes, Emigrantes Naturais do DF segundo a UF de destino e Saldo Migratório - Distrito Federal - 2000 |                |               |                  |                     |                  |                |                  |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|---------------|------------------|---------------------|------------------|----------------|------------------|
| (Em mil)                                                                                                                          |                |               |                  |                     |                  |                |                  |
| Regiões                                                                                                                           | Entradas       | Saídas        | Saldo Migratório | Regiões             | Entradas         | Saídas         | Saldo Migratório |
| <b>NORTE</b>                                                                                                                      | <b>39.937</b>  | <b>12.717</b> | <b>27.220</b>    | <b>NORDESTE</b>     | <b>572.204</b>   | <b>42.904</b>  | <b>529.300</b>   |
| Rondônia                                                                                                                          | 1.565          | 1.854         | -289             | Maranhão            | 98.754           | 5.364          | 93.390           |
| Acre                                                                                                                              | 1.118          | 115           | 1.003            | Piauí               | 118.929          | 7.176          | 111.753          |
| Amazonas                                                                                                                          | 3.829          | 1.190         | 2.639            | Ceará               | 95.040           | 7.715          | 87.325           |
| Roraima                                                                                                                           | 846            | 462           | 384              | Rio Grande Norte    | 26.158           | 3.413          | 22.745           |
| Pará                                                                                                                              | 14.666         | 3.537         | 11.129           | Paraíba             | 63.440           | 4.573          | 58.867           |
| Amapá                                                                                                                             | 640            | 321           | 319              | Pernambuco          | 39.543           | 3.306          | 36.237           |
| Tocantins                                                                                                                         | 17.273         | 5.238         | 12.035           | Alagoas             | 5.520            | 746            | 4.774            |
| <b>SUDESTE</b>                                                                                                                    | <b>294.411</b> | <b>63.420</b> | <b>230.991</b>   | Sergipe             | 4.061            | 782            | 3.279            |
| Minas Gerais                                                                                                                      | 192.792        | 24.060        | 168.732          | Bahia               | 120.759          | 9.830          | 110.929          |
| Espírito Santo                                                                                                                    | 6.677          | 3.290         | 3.387            | <b>CENTRO-OESTE</b> | <b>150.595</b>   | <b>133.911</b> | <b>16.684</b>    |
| Rio de Janeiro                                                                                                                    | 56.677         | 14.283        | 42.394           | Mato Grosso do Sul  | 3.833            | 1.160          | 2.673            |
| São Paulo                                                                                                                         | 38.265         | 21.788        | 16.477           | Mato Grosso         | 5.644            | 3.232          | 2.412            |
| <b>SUL</b>                                                                                                                        | <b>30.196</b>  | <b>6.571</b>  | <b>23.625</b>    | Goiás               | 141.118          | 129.519        | 11.599           |
| Paraná                                                                                                                            | 10.517         | 2.899         | 7.618            |                     |                  |                |                  |
| Santa Catarina                                                                                                                    | 3.665          | 2.051         | 1.614            | <b>Exterior</b>     | <b>6.960</b>     | <b>-</b>       | <b>-</b>         |
| Rio Grande do Sul                                                                                                                 | 16.014         | 1.621         | 14.393           | <b>TOTAL</b>        | <b>1.094.303</b> | <b>259.523</b> | <b>834.780</b>   |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico. Dados elaborados pela CODEPLAN.

**Fonte:** CODEPLAN (2015).

Na figura acima, temos a tabela do saldo migratório que se encontra no relatório demográfico do DF realizado pela CODEPLAN no ano de 2015. Nela, temos evidenciado que a região nordeste é a que mais “exporta” pessoas para o Distrito Federal, com destaque para Bahia, Piauí e Maranhão na composição demográfica, e refletindo uma característica histórica das populações desses estados de migrarem em massa para outras regiões. Como marca empírica desse dado, têm-se a construção da Feira Central de Ceilândia, datada do ano de



# III Semana da Demografia

*Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais*

*UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025*

1984, e que é considerado “o coração da cidade e um dos maiores agrupamentos da cultura nordestina da região” segundo o portal Correio Braziliense (Guedes, 2024).

Apesar de a região Sudeste ser a região mais desenvolvida do país, há um significativo saldo migratório para o DF devido a buscas de oportunidades empregatícias nos setores públicos, com destaque para o estado de Minas Gerais. Pelo mesmo motivo o Goiás desponta como o estado de maior fluxo na região Centro-Oeste.

Para tal fato, explica-se que a implementação de uma Rede Integrada de Desenvolvimento (RIDE) no Distrito Federal e Entorno foi o elemento fundamental para o aumento da entrada de goianos e mineiros na capital federal, uma vez que ela garante a integração socioeconômica e urbana entre o DF e os municípios de seu entorno, que pertencem aos estados de Goiás e Minas Gerais:

Estabelecida em 1998, sendo formada pelo Distrito Federal e por mais trinta e três municípios localizados nos estados de Goiás e Minas Gerais (municípios do entorno). A região concentra uma população de 4,7 milhões de habitantes em uma área de 95.570 km<sup>2</sup>, sendo considerada o terceiro aglomerado urbano mais rico do país. Apesar de ser um arranjo cooperativo horizontal, uma particularidade da RIDE-DF é a forte concentração das atividades econômicas no Distrito Federal, que agrupa 64% dos habitantes e 92,58% do PIB da região (Pinheiro; Lima, 2024, p. 367).

A RIDE tinha como objetivo coordenar políticas públicas de desenvolvimento regional, buscando solucionar problemas comuns, como transporte, saúde, educação e infraestrutura. Como efeito colateral, ela acabou rearranjando o urbanismo do Distrito Federal e trazendo complexidades nas relações intra urbanas, pois a Rede Integrada extrapola os limites territoriais do DF. Por isso, com o passar dos anos, o fenômeno das Migrações Pendulares se tornou mais comum, revelando uma centralização de serviços na metrópole Brasília e a mobilização de vias e transportes públicos para acesso a essas áreas, adotando uma estrutura de subserviência ao capital econômico.

Ao fim dessa década, a população de Ceilândia passou para cerca de 400 mil habitantes, contra os 2.580.757 milhões de habitantes do Distrito Federal.

## **Década de 2010**

A relação contrastante entre Brasília e Ceilândia segue como uma realidade na década de 2010. Enquanto Brasília mantém sua posição como centro administrativo e econômico do Distrito Federal, Ceilândia abriga grande parte da mão de obra que movimenta



### III Semana da Demografia

*Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais*

*UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025*

a capital. Essa relação entre núcleo central e periferia se manifestou em disparidades sociais, econômicas e na qualidade de vida, destacando as consequências da segregação socioespacial consolidada ao longo das décadas.

Em toda a década de 2010, Ceilândia foi a região mais populosa do Distrito Federal, em contraste com Brasília que, mesmo sendo a região central não possuía a grande massa do contingente populacional (CODEPLAN). De acordo com o Censo 2010 do IBGE, a população de Ceilândia era de 402.729 habitantes, enquanto Brasília contava com um pouco mais da metade da população ceilandesa, cerca de 209.855.

O que explica o incremento populacional em Ceilândia é a migração. Em 2015 a população de Ceilândia era composta por 48,33% de migrantes, em grande parte originários da Região Nordeste, que compunham 68,4% dos migrantes, sendo os estados do Piauí, Bahia e Maranhão os com os números mais expressivos, de acordo com a PDAD 2015. Já em 2018, os dados sobre migração levantados pela PDAD conservam os padrões já conhecidos. Em 2018 os dados continuaram com as mesmas porcentagens.

Enquanto a população seguia em crescimento em Ceilândia, mudanças substanciais ocorreram nas duas regiões estudadas no presente texto. De acordo com o Observatório das Cidades, Brasília passou pelo processo de fragmentação na década de 2010, fragmentação essa relacionada a estrutura do seu núcleo urbano, que ao contrário do que foi idealizado pelo planejamento do DF, com a centralização do Plano Piloto como o principal polo econômico e administrativo, ao passo que as regiões periféricas se organizam em torno dele, mas sem conectividade entre si.

A fragmentação de Brasília é refletida para além da sua região, ecoando com maior magnitude em RA's que dependem diretamente da capital, a fragmentação amplia os custos sociais, especialmente para os moradores de Ceilândia, que dependem dos empregos e serviços concentrados no Plano Piloto. Como destacado pelo Observatório das Metrópoles, cerca de 1,5 milhão de pessoas se deslocam diariamente para o centro de Brasília, em movimentos pendulares que consomem tempo e recursos, além de sobrecarregar a infraestrutura de transporte.

De acordo com Milton Santos (1996) os movimentos pendulares manifestam uma divisão territorial do trabalho e, conseqüentemente desigualdades socioespaciais, a segregação, onde o centro – representado por Brasília – concentra o crescimento econômico e



### III Semana da Demografia

*Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais*

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

as oportunidades de emprego, enquanto a periferia – Ceilândia – atua como pólo residencial. Mesmo com a ausência de dados concretos sobre a movimentação pendular entre Brasília e Ceilândia, ainda é possível pensar esse fenômeno analisando dados correlatos.

A PDAD 2013 indica que 42,6% dos postos de trabalho do Distrito Federal estão concentrados no Plano Piloto, ou seja, em Brasília. Embora não haja dados específicos sobre o percentual de moradores de Ceilândia que se deslocam diariamente para o Plano Piloto, essa concentração de empregos sugere um fluxo significativo de trabalhadores das regiões periféricas para o centro. Além disso, o Relatório de Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) sobre Governança Metropolitana no Brasil (2015) destaca que Brasília se caracteriza por ser uma região onde os empregos e serviços estão fortemente concentrados em sua área central, o que leva a um forte deslocamento pendular pelo motivo trabalho entre as várias regiões administrativas, incluindo Ceilândia.

A relação centro – periferia pode ser observada ao analisar os movimentos migratórios entre a população brasileira e a região do Distrito Federal como um todo. Referenciando o grande geógrafo brasileiro Milton Santos em *A Natureza do Espaço* (1996), o processo migratório para áreas urbanas está ligado à busca por melhores condições de vida e oportunidades de trabalho, o que frequentemente leva populações de regiões menos favorecidas a se estabelecerem em áreas periféricas dos grandes centros. Essa reflexão reflete não somente o período de construção de Brasília, como também a busca constante por melhores condições de vida na capital brasileira após a consolidação da terra arquitetada por Niemeyer.

O período contemporâneo, iniciado nos anos 1990, consolidou a expansão urbana para além dos limites do Plano Piloto, configurando o que Paviani (2007) chama de “metrópole incompleta”, caracterizada pela dependência econômica de atividades terciárias e quaternárias e pela ausência de uma base industrial expressiva. Essa dependência que extrapola o Plano Piloto pode ser observada a partir do movimento pendular entre Brasília e Ceilândia.

Dessa forma, fica evidente que mesmo após a consolidação de Brasília como capital brasileira – sob os pensamentos utópicos dos idealizadores da nova capital – a relação entre as RA's expõe uma dependência desigual. Enquanto Ceilândia funciona como uma periferia, fornecendo mão de obra que sustenta o funcionamento do centro, Brasília atua concentrando



# III Semana da Demografia

*Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais*

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

as oportunidades de emprego e a infraestrutura. Essa dinâmica revela um modelo urbano marcado por segregação socioespacial, tanto comentada por Milton Santos na obra *A Natureza do Espaço* (1996).

## **Década de 2020**

Segundo o censo mais recente realizado pelo IBGE no ano de 2022, a população do Distrito Federal é de 2.817.381 milhões de habitantes. Como se observa no Gráfico 1, o crescimento populacional é contínuo, reforçando o DF como centralidade política, administrativa e econômica do Brasil. A migração interna continua sendo o principal fator para tais resultados, porém agora com a população do Entorno migrando para o núcleo da metrópole, alertando que os problemas habitacionais estarão ainda mais presentes com o encarecimento de moradias mais próximas de Brasília. A essa questão, o autor Aldo Paviani (2007) defende que se torna necessária uma gestão mais integrada entre as cidades que compõem a RIDE uma vez que:

A gestão integrada dará força para a boa administração da educação e da saúde pública; serão maximizados os grandes eixos de transporte público; será gerada riqueza para a implantação de tratamento de água, esgoto e do lixo urbano - o que promoverá a elevação do conforto e da qualidade ambiental, bastante desgastada, hoje (Paviani, 2007, p. 18).

Apesar disso, os dados mostram que o crescimento do DF será contínuo até a próxima década, apresentando uma linha de tendência em alta e atingindo um pouco menos de 3.400.00 milhões de habitantes. Reforçando a necessidade de políticas públicas que contemplem a integração regional e sustentabilidade urbana através de um planejamento urbano inclusivo, visando evitar conflitos oriundos da expansão demográfica.

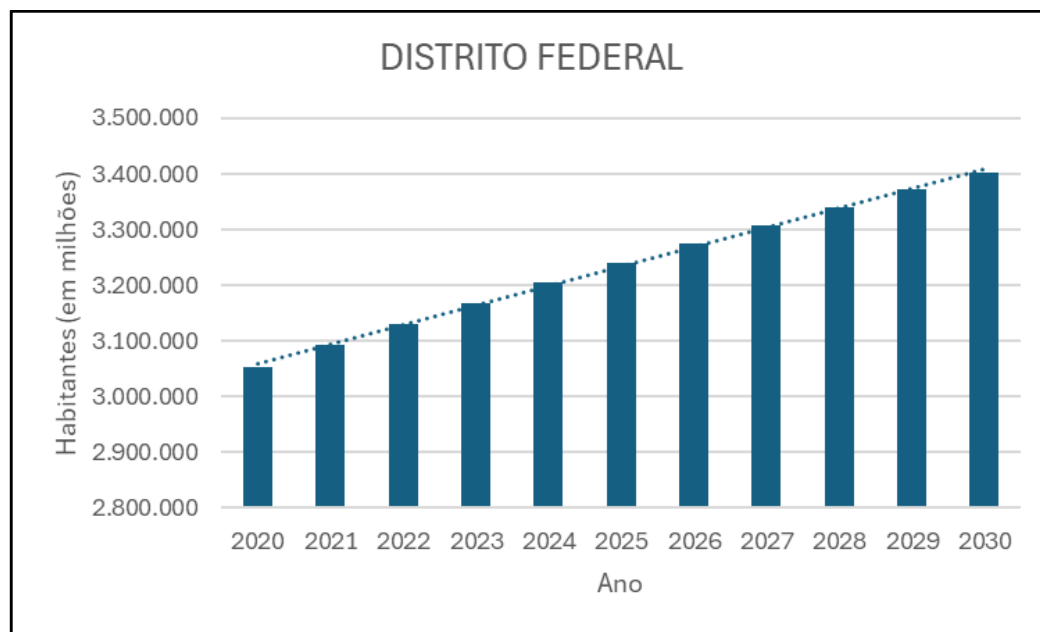


### III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

**GRÁFICO 1 – Crescimento Populacional – Distrito Federal**



Fonte: Autores. (Adaptado de SEDUH, 2007).

Diferente do DF como um todo, a Região Administrativa de Ceilândia, apresentada no Gráfico 2, expõe uma dinâmica populacional um tanto quanto diferenciada. Entre os anos de 2020 e 2025 o crescimento ainda é constante muito atrelado aos fatores já supracitados: migração interna das regiões do Entorno, maior infraestrutura urbana com adensamento de serviços e a proximidade de cerca de 30km do Plano Piloto.

Porém a partir de 2026 até o início da década de 2030 nota-se uma estabilização e até mesmo uma leve redução habitacional causada pela saturação demográfica, quando a infraestrutura urbana pode não estar acompanhando o ritmo de crescimento populacional, desestimulando novos moradores; a descentralização urbana, com políticas de investimento em outras RA's, reduzindo as pressões populacionais de Ceilândia; melhorias estruturais do Entorno. Todos esses fatores requerem o desenvolvimento de projetos de estruturação, que caso não sejam implementados podem contribuir para um:

Continuado povoamento esparsa, inclusive nos anéis externos ao DF, criando-se uma metrópole que engolfaria o Plano Piloto – tal como ocorreu com Belo Horizonte. Nesse espaço haveria caos urbano, com desemprego maior do que o atual [...]; déficit de habitações condignas e favelas ocupando as várzeas, matas ciliares e nascentes; estímulo por parte de políticos influentes e corruptos para que pessoas pobres ocupem terras, com a presunção de futura “legalização” e/ou impunidade (Paviani, 2007, p. 18-19).

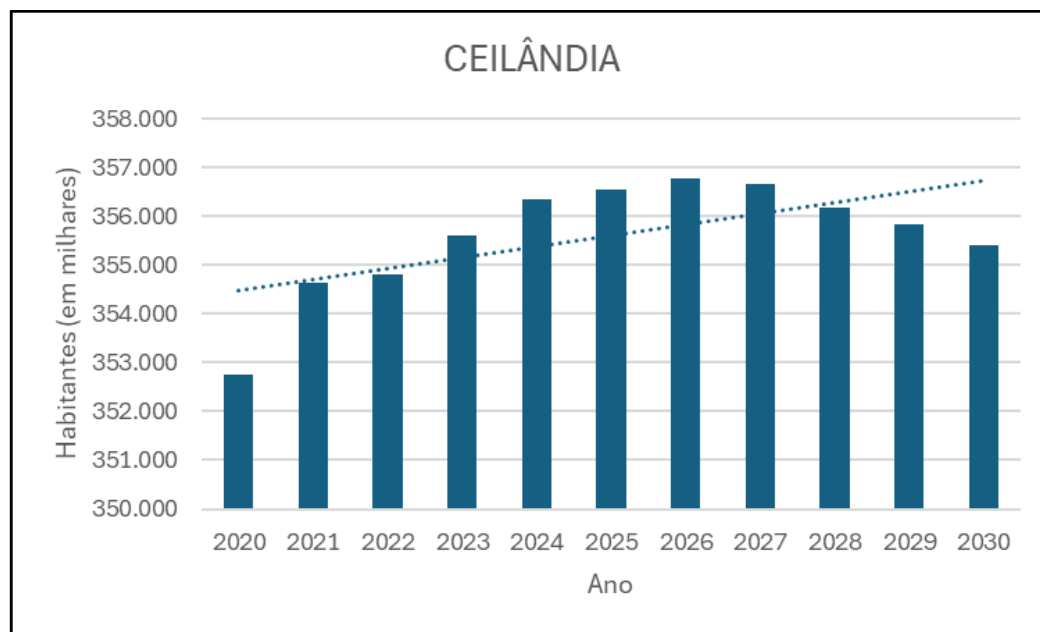


### III Semana da Demografia

Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

**GRÁFICO 2 – Crescimento Populacional – Ceilândia**



**Fonte:** Autores (Adaptado de CODEPLAN, 2015).

Outro motivo para a perspectiva de queda da população em Ceilândia são as mudanças de gabarito na RA de Águas Claras que, segundo as novas normas do PDOT (Planos Diretores de Ordenamento Territorial) a considera como parte da Zona Urbana Consolidada, configurando uma área predominantemente residencial (Moreira, 2015). Tal mudança corroborou para a construção de conglomerados de edifícios com mais de 30 andares.

Por fim, o que se observa entre os dois gráficos é que o crescimento do DF como um todo não ocorre de forma uniforme e ordenada, podendo estar concentrada em áreas em desenvolvimento econômico e com mais infraestruturas. Entretanto, o gráfico de Ceilândia evidencia que dentro da grande metrópole pode ocorrer uma redistribuição populacional entre as Regiões Administrativas e Entorno, refletindo diferenças entre uma área densamente povoada e uma área maior que suporta migração e expansão urbana. Essas características podem auxiliar os gestores públicos a adequar as políticas de habitação, transporte urbano e desenvolvimento sustentável para atender ao crescimento em diferentes áreas do Distrito Federal.



# III Semana da Demografia

*Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais*

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise breve da relação entre Brasília e Ceilândia ao longo dos anos 2000 a 2020 revela não apenas as contradições do projeto modernista da capital, mas também os desafios persistentes da urbanização e segregação socioespacial no Distrito Federal. Ceilândia, criada sob a ótica da periferização planejada, se consolidou como a região administrativa mais populosa, desempenhando um papel fundamental no alicerce da dinâmica socioeconômica da capital.

Os movimentos pendulares, os movimentos migratórios, e a desigualdade na oferta de infraestrutura e serviços, e a fragmentação urbana de Brasília destacam a interdependência funcional entre o centro e a periferia, que são frutos não somente da relação entre a RA IX e a capital, como também um panorama do nosso país, que expõem a urgência de políticas públicas que promovam uma integração mais equitativa.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Augusto Faria de; TABARIN, Charles Serra. Periferização e migração na formação das cidades-satélites do Distrito Federal: o caso de Ceilândia. In: SEMANA DE GEOGRAFIA DA UEPB, 7., 2018, Campina Grande, PB. **Anais...** Campina Grande, PB: UEPB, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323734163>. Acesso em: 12 jan. 2025.

CODEPLAN – COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL. **Demografia em foco 7:** evolução dos movimentos migratórios para o Distrito Federal (1959-2010). Brasília, DF, 2018. Disponível em: [https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Demografia\\_em\\_Foco\\_7-Evolu%C3%A7%C3%A3o\\_dos\\_Movimentos\\_Migrat%C3%B3rios\\_para\\_o\\_Distrito\\_Federal-1959-2010.pdf](https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Demografia_em_Foco_7-Evolu%C3%A7%C3%A3o_dos_Movimentos_Migrat%C3%B3rios_para_o_Distrito_Federal-1959-2010.pdf). Acesso em: 20 jan. 2025.

CODEPLAN – COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL. **Pesquisa distrital por amostra de domicílios:** Ceilândia – PDAD 2015. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Ceil%C3%A2ndia-1.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2025.

GUEDES, Letícia. Feira central reúne delícias no coração de Ceilândia. **Correio Braziliense**, Brasília, DF, 27/03/2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2024/03/6825147-feira-central-reune-delicias-no-coracao-de-ceilandia.html>. Acesso em: 24 jan. 2025.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo, SP: Annablume, 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasília (DF):** panorama. Rio de Janeiro, RJ, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/brasilia/panorama>. Acesso em: 22 jan. 2025.



### III Semana da Demografia

*Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais*

UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025

JACQUES, Paola Berenstein; ALMEIDA JR., Dilton Lopes de. A construção de Brasília: alguns silenciamentos e um afogamento. **Encontro de História da Arte**, Campinas, SP, n. 12, p. 469-495, 2017. DOI: 10.20396/eha.12.2017.4549 Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/4549>. Acesso em: 22 jan. 2025.

MELO, Luis Alberto Martins Palhares de; STEINKE, Valdir Adilson. Avaliação da dinâmica de urbanização no Distrito Federal entre 2005 e 2009. **Geografia**, Rio Claro, SP, v. 38, n. 3, p. 491-509, 2013.

MELLO, Marcello de. Brasília e seu entorno, o entorno e sua Brasília. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, GO, v.29, n. 1, p. 127-202, 2009.

MONTEIRO, Circe Maria Gama. O planejamento: algumas considerações. **Etc..., Espaço, Tempo e Crítica**, Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 1(2), p. 40-54, 2007.

MOREIRA, Pamella Karine Vecchi. **Produção do espaço, qualidade de vida urbana e percepção dos moradores em Águas Claras, Distrito Federal**. 2015. 116f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. **Brasília 2000-2010**: fragmentação e segregação da metrópole central. Rio de Janeiro, RJ, 2014. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/brasil-2000-2010-fragmentacao-e-segregacao-da-metropole-central/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

OLIVEIRA, Rômulo José de. **Brasília e o paradigma modernista**: planejamento urbano do moderno atraso. 2008. 195f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2008. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-04032010-154927/publico/OLIVEIRA\\_ROMULO\\_2008.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-04032010-154927/publico/OLIVEIRA_ROMULO_2008.pdf). Acesso em: 18 dez. 2024.

PAVIANI, Aldo. Geografia urbana do Distrito Federal: evolução e tendências. **Revista Espaço e Geografia**, Brasília, DF, v. 10, n. 1, p. 1-22, 2007.

PEIXOTO, Elane; WALDVOGEL, Alana Silva; OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. As casas de Ceilândia. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Presidente Prudente, SP, v. 23, n. art. 202104pt, 2021. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202104pt. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/6447>. Acesso em: 26 dez. 2024.

PINHEIRO, Pedro Henrique; LIMA, Ricardo Carvalho de Andrade. Avaliação dos efeitos fiscais da RIDE-DF nos municípios do entorno de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, Presidente Prudente, SP, v. 17, n. 3, p. 366-387, 2024. DOI: 10.54766/rberu.v17i3.978 Disponível em: <https://revistaaber.emnuvens.com.br/rberu/article/view/978>. Acesso em: 24 jan. 2025.

ROSA, Maria Olívia. **O processo de urbanização e a qualidade de vida**: observações sobre o espaço urbano de Brasília. 2014. 83f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação Lato Sensu em Direito Urbanístico e Regulação Ambiental) – Centro Universitário de Brasília, Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD, Brasília, DF, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo, SP: Hucitec, 1996.



## III Semana da Demografia

*Diálogos potenciais: os estudos de população frente aos avanços e retrocessos sociais*

*UNICAMP – 31 de março a 04 de abril de 2025*

SEDUH – SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO E HABITAÇÃO DO DF. **Demografia do Distrito Federal.** Brasília, DF, 2007. (Plano Diretor de Ordenamento Territorial – PDOT. Versão Final). Disponível em: [https://www.seduh.df.gov.br/documents/8133848/9902153/demografia\\_df.pdf](https://www.seduh.df.gov.br/documents/8133848/9902153/demografia_df.pdf). Acesso em: 21 jan. 2025.

TREVISAN, Ricardo; AMIZO, Isadora Banducci; LEMOS, Rubiana Cardoso Campos. Cidades-satélites: o 2º cinturão de Brasília. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 16., 2021, Salvador, BA. **Anais...** 2021.